

# ARQUEOGENEALOGIA DO “FIM”: DO APOCALIPSE BÍBLICO AO RELÓGIO DO JUÍZO FINAL

## ARCHAEOGENEALOGY OF THE “END”: FROM THE BIBLICAL APOCALYPSE TO THE DOOMSDAY CLOCK

Damião Francisco Boucher\*

Thiago Barbosa Soares\*\*

**RESUMO:** Este artigo propõe uma análise arqueogenealógica do “fim”, rastreando suas formações discursivas. Para tanto, utiliza-se o instrumental teórico-metodológico da Análise Arqueogenealógica do Discurso, empregando as noções de enunciado, formação discursiva, dispositivo, arquivo e episteme. O objetivo é examinar as condições históricas de possibilidade que permitiram a emergência de discursos sobre o fim. Como corpus, tem-se a matéria “Por que Relógio do Juízo Final está mais perto da hora da destruição do que nunca”, publicada pela BBC News Brasil, em 29 de janeiro de 2025. Com isso, busca-se analisar outras materialidades discursivas na historicidade que se entrecruzam com a projeção desse “fim”. Ao final, espera-se, como resultado, compreender o funcionamento das diversas articulações discursivas do “fim” ao longo da história, compreendendo como essas noções foram construídas e ressignificadas, tornando-se uma verdade dessa e de outras épocas que ainda não expirou.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arqueogenealogia; Discurso escatológico; Fim do mundo.

---

\* Graduado em Letras, português/inglês, pela Universidade Federal do Tocantins (2012); especialização em Análise do Discurso Político e Jurídico (2018) e em Psicologia Analítica – Perspectiva Multidisciplinar, pela Faculdade Unyleya, Rio de Janeiro (2019); Mestrado em Letras, com ênfase em Análise do Discurso, pela Universidade Federal do Tocantins (2021); Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). É pesquisador bolsista de doutorado CNPq e membro pesquisador do Grupo de Estudo de Análise do Discurso (GEsTADI – UFT). Professor do quadro temporário da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: boucherplace@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8325-1603>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4815591282019412>.

\*\* Graduado em Letras, português/inglês, pela Universidade do Vale do Sapucaí (2009); em Psicologia, pela Universidade Paulista (2014); em Filosofia, pela Universidade de Franca (2014) e em Ciências Humanas, pela Universidade Estácio de Sá (2023); especialização em Estudos Literários, pela Faculdade Comunitária de Campinas (2013); Mestrado em Linguística, pela Universidade Federal de São Carlos (2015) e Doutorado em Linguística, pela Universidade Federal de São Carlos (2018). Vice-Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLetras), da Universidade Federal do Tocantins (UFT). É pesquisador bolsista de produtividade do CNPq (PQ-2), com experiência investigativa na área de Linguística, com ênfase em Análise do Discurso. E-mail: [thiago.soares@mail.uft.edu.br](mailto:thiago.soares@mail.uft.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>.

**ABSTRACT:** This article proposes an archeogenealogical analysis of the “end,” tracing its discursive formations. To this end, we use the theoretical-methodological tools of Archeogenealogical Discourse Analysis, exploring the notions of statement, discursive formation, device, archive, and episteme. Our goal is to examine the historical conditions of possibility that allowed the emergence of discourses at the end. Our corpus is the article “Why the Doomsday Clock is Closer to the Hour of Destruction Than Ever,” published by BBC News Brasil on January 29, 2025. With this, we seek to analyze other discursive substances in historicity that intersect with the projection of this “end.” In the end, as a result, we hope to understand the functioning of the various discursive articulations of the “end” throughout history, understanding how these notions were constructed and resignified, becoming a truth of this and other eras that has not yet expired.

**KEYWORDS:** Archaeogenealogy; Eschatological discourse; End of the world.

## **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Ao adentrar a complexa teia dos discursos que envolvem a noção de “fim”, percebe-se que este sempre esteve intrinsecamente ligado ao saber e ao poder. Conforme aponta Michel Foucault (2014a, p. 31), “poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder”. Dessa maneira, o “fim” se manifesta não como um evento puramente objetivo, mas como uma construção discursiva, um marco histórico, isto é, “um acontecimento” (Soares, 2025a, p. 115), uma “verdade” que emerge e se propaga por meio de regimes de saber-poder.

Aos homens comuns, inerentemente, nunca foi dado o direito de enunciá-lo, de declamá-lo ou mesmo conjurá-lo, cabendo a estes a mera posição social de esperá-lo desnor-teadamente. O “fim” se apresenta, assim, como um saber-poder materializado em variados enunciados cuja função é constantemente reafirmar sua presença e, não raras vezes, anunciar sua iminente chegada. O discurso, para Foucault, “pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si” (Foucault, 2014b, p. 46). Contudo, essa aparente liberdade do “dizer” é perpassada por relações de poder que delimitam quem pode e quem não pode enunciar o fim de maneira legítima, porquanto os que julgam “poder”, detêm inerentemente o “saber”. Como Soares e Boucher (2024, p. 66) explicitam, o saber-poder “carece da compreensão sobre seu potencial rarefeito de dispersão de sentidos a partir de uma deflexão das relações de poder-saber existentes no corpo social”. Isso sugere que o discurso sobre o

“fim”, embora disperso, possui um centro de emissão e controle que o impede de ser livremente apropriado por todos. Desse ponto, apresenta-se a relação do saber e do poder que controla o pensamento humano.

Diante dessa perspectiva, a “governamentalidade” representa “a maneira como se conduz a conduta dos homens” (Foucault, 2008, p. 258). Nesse aspecto, ela atua diretamente na constituição desse saber-poder sobre o “fim”. Ao regular comportamentos e expectativas, as instâncias de poder definem os contornos do que é aceitável dizer (ou não dizer) sobre o término, produzindo uma objetivação dos sujeitos frente a essa realidade, isto é, a transformação do indivíduo em um objeto de conhecimento e controle, moldado por práticas discursivas e não discursivas (Foucault, 2008). A constituição dos sujeitos no campo do saber-poder ocorre por meio de processos de objetivação, nos quais “o sujeito é produzido pelos mecanismos de dispersão do discurso” (Soares, 2025b, p. 34). Dessa forma, a vivência do “fim” para o homem comum é, muitas vezes, uma experiência de recepção passiva, na qual a capacidade de intervir na narrativa ou de enunciar suas próprias versões do “fim” é silenciada ou deslegitimada. O “fim” não é, portanto, um ponto final inquestionável, mas um complexo jogo de forças discursivas que o mantêm em constante redefinição, sempre à espera de novas materializações.

A partir dessas considerações, o presente artigo se propõe a uma análise arqueogenealógica do “fim”, delineando suas manifestações discursivas históricas e que culminam no acontecimento do Relógio do Juízo Final. Para isso, o percurso analítico inicia-se pelo enunciado jornalístico da BBC News Brasil (2025), “Por que Relógio do Juízo Final está mais perto da hora da destruição do que nunca”, publicado em 29 de janeiro de 2025, utilizando-a como materialidade principal para escavar as condições históricas e os entrecruzamentos discursivos que tornam essa episteme possível. Dessa forma, a organização didático-argumentativa desse artigo consistirá em três seções distintas, a saber, Considerações Teórico-metodológicas, nas quais se apresentam as ferramentas da Análise Arqueogenealógica do Discurso, explorando noções como enunciado, formações discursivas, dispositivo, arquivo e episteme; Análise, seção na qual serão mobilizados os instrumentais supracitados e, por fim; Considerações finais, nas quais serão apresentadas as reflexões, os resultados da análise arqueogenealógica, cujo escopo é a compreensão do funcionamento do “fim”, de sua resignificação e seus efeitos ao longo da história, identificando suas rupturas e continuidades em cada condição específica de emergência.

### **CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS**

A investigação proposta nesse artigo será integralmente guiada pelos pressupostos da “Análise Arqueogenealógica do Discurso” (Soares, 2025b, p. 30), uma abordagem que se mostra singularmente potente para a problematização das condições de possibilidade de

discursos e saberes, assim como um movimento crítico aos próprios procedimentos de análise, corrigindo distorções e limitações<sup>1</sup> provocadas pelas condições espaço-temporais que possivelmente inviabilizam instrumentais pensados em dado período da sociedade. A perspectiva foucaultiana, conforme Paul Veyne (2009, p. 59), não se detém na busca de verdades universais ou na reconstrução de uma história linear do progresso, mas sim na “singularidade dos acontecimentos fora de toda finalidade monótona”. No entanto, desse ponto, já se apresenta limitações, porquanto o foco nas singularidades, em boa medida, pode obscurecer como esses mecanismos se repetem e se interligam historicamente em uma relação de sentidos na qual o discurso é uma resposta direta ou indireta a outros, como processamentos parafrásticos e metafóricos os quais denunciam o caráter histórico da língua (Soares, 2018a).

O método consiste em “escavar e examinar” as formações discursivas que permitiram a emergência e a transformação de certas “verdades” ao longo do tempo (Foucault, 2017), apontando para as singularidades, as descontinuidades, mas também para as regularidades, evitando os riscos: a) de fragmentação excessiva, na qual a crítica perde a capacidade de identificar padrões de dominação que persistem além do evento singular e; b) limitação política da análise, podendo dificultar a mobilização de resistências coletivas que lutam, por exemplo, contra a ideia de um fim do mundo; que desconsideram uma episteme aceita, se não por todos, pela grande maioria afetados por esse imaginário. Dessa forma, para o empreendimento da análise arqueogenealógica são necessárias algumas noções essenciais que unem ambos os métodos principais de Michel Foucault, a saber, a arqueologia (década de 1969) e a genealogia (década de 1970) (Machado, 2018), em uma abordagem única para analisar como saberes, práticas e instituições se constituem historicamente.

De outro modo, com as noções de enunciado, formação discursiva, dispositivo, arquivo e episteme, considerando suas possíveis limitações, mas também suas prováveis contribuições, espera-se mapear as regras discursivas (arqueologia) e expor as relações de poder que as sustentam (genealogia). Com esse movimento, procura-se evitar tanto o formalismo, que se engessa na pura análise da superficialidade textual, quanto o reducionismo, que fala de poderes e de saberes sem a devida atenção ao exame da materialidade linguística. Desse modo, opta-se pelo intervalo no qual tal processo teórico-metodológico é constituído não somente pela mobilização das noções operacionais, mas também pela “interpretação das propriedades encontradas a partir do manuseio de tais operadores em determinado corpus sob a circunstancialidade de sua conjuntura de emergência como um fenômeno social eivado de sentidos” (Soares, 2025b, p. 49).

Inicialmente, pode-se afirmar que a Análise Arqueogenealógica do Discurso é uma reverberação sul-americana, mais precisamente do Norte do Brasil, Tocantins, que encontra

<sup>1</sup> Segundo Machado (2018, p. 12), Foucault afirmava que “toda teoria é provisória, acidental, dependente de um estado de desenvolvimento da pesquisa que aceita seus limites, seu inacabado, sua parcialidade formulando conceitos que esclarecem os dados [...]”

seu eco no esforço acadêmico de 1969<sup>2</sup>. Nesse contexto, Foucault produz significativas noções que sustentam o exame arqueogenalógico. Nesse aspecto, a noção de enunciado em Foucault (2017) passa a compreendê-lo não como “uma unidade do mesmo gênero da frase, proposição ou ato de linguagem” (Foucault, 2017, p. 104), mas como um prolongamento histórico material de rupturas e de continuidades que reverbera ao longo do espaço/tempo, produzindo relações de sentidos (Soares, 2018a) em suas atualizações. De acordo com Soares (2025, p. 49), “o enunciado, enquanto categoria analítica, diferencia-se significativamente de seu homônimo no campo linguístico” que geralmente aponta para uma frase, proposição ou ato de fala, demarcados como texto e materialmente visível.

Distanciando-se em partes da concepção linguística, Foucault (2017, p. 135) afirma que “o enunciado bem pode não estar escondido, nem por isso é visível; não se oferece à percepção como o portador manifesto dos seus limites e caracteres. É necessária uma certa conversão do olhar e da atitude para poder reconhecê-lo e concebê-lo em si mesmo”. De outro modo, a noção de enunciado, em Foucault (2017), transcende a mera proposição linguística ou a sentença gramatical. Não se trata de uma unidade de sentido, mas de uma função que torna possível a existência de fragmentos linguísticos e não linguísticos, dentro de um determinado domínio discursivo. Portanto, como afirma Foucault (2017, p. 105), o enunciado “não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço”. Assim como os sentidos de “fim” que ecoam em sua (re)atualização enunciativa. Em outros termos, é aquilo que torna possível uma série de signos (Foucault, 2017), e sua análise permite compreender as condições específicas de seu surgimento e circulação dentro de dada formação discursiva.

Para além do âmbito enunciativo, a formação discursiva é o campo no qual enunciados se articulam e a episteme se materializa. Soares (2019) assevera que as formações discursivas obedecem ao funcionamento do discurso como um sistema delimitado de possibilidades, ou seja, domínios estruturados do que pode e deve ser dito. De outra maneira, “podem ser vistas como ‘regiões do dizível’”, (Soares, 2019, p. 47, grifos do autor). Para Foucault (2017):

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (Foucault, 2017, p. 47).

De outro modo, observa-se que a noção de formação discursiva como um conjunto de enunciados, mesmo distintos na superficialidade, estão sob as mesmas regras de formação,

<sup>2</sup> De acordo com Soares, (2025a, p. 101), este “é o ano em que nascem duas grandes publicações para a Análise do Discurso, a lembrar, Análise Automática do Discurso, de Michel Pêcheux, e A Arqueologia do Saber, de Michel Foucault”.

de existência e de organização (Foucault, 2017). Analisar as formações discursivas do “fim” significa traçar as relações, filiações e transformações entre o “apocalipse milenarista” (com suas figuras do anticristo, juízo final e nova Jerusalém) e a “formação discursiva do fim tecnológico” (com riscos de inteligência artificial descontrolada, guerras nucleares ou colapso ambiental). Nesse sentido, o “fim” não é um evento único e linear, mas um conjunto de “acontecimentos discursivos” (Foucault, 2014b, p. 54) que se dispersam em instituições, leis, comportamentos e reações, bem como seus respectivos dispositivos discursivos.

Diante do funcionamento do enunciado e das formações discursivas, é possível compreender como operam os dispositivos. Enquanto a formação discursiva é definida como um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que estabelecem as condições de exercício da função enunciativa, o dispositivo, por sua vez, é um conceito mais amplo e complexo que engloba as formações discursivas. De acordo com Veyne (2009, p. 73), os dispositivos são, “portanto, as leis, atos, palavras ou práticas que constituem uma formação histórica, quer seja a ciência, o hospital, o amor sexual ou o exército”. De outro modo, dispositivo representa um conjunto heterogêneo que inclui discursos, instituições, arranjos arquitetônicos, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas.

Ademais, o dispositivo não se limita ao nível do discurso, mas articula diferentes elementos, tanto discursivos quanto não-discursivos. De outro modo, como ressalta Soares (2025, p. 124) “o dispositivo é um dos reguladores da estrutura macrodinâmica do enunciado”. Como exemplo, o dispositivo midiático opera na produção, difusão e manutenção de “verdades” como “o fim do mundo”. Por essa razão, entende-se que a noção de “dispositivo” se encaixa na hierarquia de funcionamento como um elemento mais abrangente e complexo do que as formações discursivas, atuando como um entrelaçamento de elementos heterogêneos que permitem a existência do discurso e do saber. A partir desse operacional lógico, percebe-se que, se as formações discursivas são as regras que organizam os enunciados; e se o dispositivo representa a rede concreta e heterogênea que integra as formações discursivas, o arquivo se apresenta como o sistema que governa a existência e transformação dessas formações discursivas.

Sobre o arquivo, para se chegar a essa noção, Foucault (2017, p. 157) distingue primeiramente o *a priori* formal (kantiano) do *a priori* histórico<sup>3</sup> que “não são nem do mesmo nível nem da mesma natureza”, chegando à conclusão lógica de que são de dimensões distintas por que se entrecruzam. Compreende-se desse ponto que tanto o *a priori formal* quanto o *a priori histórico* são ferramentas para entender como o conhecimento é limitado e possibilitado por estruturas invisíveis (mas materiais). O arquivo é o espaço de possibilidades no qual essas condições

<sup>3</sup> Sobre o *a priori*, Foucault (2017, p. 156) afirma que este “não escapa à historicidade: não constitui acima dos acontecimentos, e em um universo inalterável, uma estrutura intemporal; define-se como um conjunto das regras que caracterizam uma prática discursiva [...]”

se materializam, funcionando como um sistema de exclusão e permissão dos enunciados. Foucault (2017) afirma que o arquivo se constitui por meio das práticas discursivas, por seus sistemas que estabelecem os enunciados como acontecimentos e coisas, isto é, “todos esses sistemas de enunciados (acontecimento de um lado, coisas de outro)” (Foucault, 2017, p. 157). Por essa razão, chega-se à conclusão de que a busca pelas verdades eternas (como em Kant) é substituída pela busca por uma análise das condições mutáveis que produzem o que chamamos de “verdade” em cada época, ou melhor, episteme (Veyne, 2009).

Por fim, chega-se à noção de episteme a qual é crucial para se compreender as condições históricas que tornam possível a emergência de determinadas configurações do saber, como a ideia do “fim do mundo”. A episteme permite compreender as coerções e limitações impostas ao discurso em um determinado momento, no entanto, não se pode considerar esta noção como “um sistema unitário, coerente e fechado” (Revel, 2025, p. 41), isto é, como uma coerção histórica, que implica uma sobredeterminação rígida dos discursos, ou seja, como uma força histórica que impõe uma determinação inflexível sobre os enunciados possíveis. Nesse sentido, a ideia do “fim” pode ser considerada um prolongamento histórico, mas com suas rupturas e dispersões.

Além disso, só se pode apreendê-lo como a verdade de uma época a partir da compreensão de que a episteme é “um feixe de relações e de deslocamento” (Foucault, 1999 *apud* Revel, 2005, p. 42). De outro modo, não como um sistema, mas como a propagação e entrelaçamento de “múltiplos sistemas que remetem uns aos outros” (Revel, 2005, p. 42). Nesse contexto, a episteme permite delimitar como as *condições de possibilidade*<sup>4</sup> para o surgimento dos discursos sobre o “fim” se modificam. Desde uma episteme clássica, marcada pela hermenêutica e teologia, nas quais o “fim” assume a conotação de juízo divino e redenção, até as epistemes modernas, nas quais o término é concebido em termos de catástrofes imanentes, sejam elas ambientais, tecnológicas ou geopolíticas, desvinculadas de uma instância transcendente. As transições epistemológicas revelam, assim, as profundas mudanças nas regras de formação e validação dos enunciados sobre o “fim”.

Para além da afirmação de Veyne (2009), na qual pressupõe que a episteme não pode ser mobilizada analiticamente por se concebida como uma materialidade sutil, ampla e quase intocável, Soares (2025), na contramão dessa esteira epistemológica, enfatiza que a episteme:

Embora não constitua necessariamente uma noção operacional analítica pode ser empregada como tal neste estudo para fins didáticos, considerando que sua amplitude abarca aquilo que se pode denominar como a verdade que sustenta a produtividade aceitável de toda e qualquer formação discursiva (Soares, 2025b, p. 51).

<sup>4</sup> Condições de possibilidade: Em Foucault (2018), refere-se ao conjunto de regras, a priori históricos e sistemas de relações que tornam um determinado discurso ou saber possível em uma época específica. Não são causas, mas sim as estruturas que delimitam o que pode ser dito, pensado e conhecido.

A partir da reflexão do trecho supracitado, é possível perceber que a “verdade constitutiva” mencionada refere-se ao *a priori histórico* (Foucault, 2017) que define quais formações discursivas são aceitáveis e eficazes dentro de uma episteme específica. Ou seja, mesmo não sendo uma categoria operacional precisa, a noção capta a estrutura implícita que organiza e limita a produção de conhecimento em um dado recorte espaço-temporal histórico, revelando como certos discursos se tornam hegemônicos enquanto outros são excluídos.

Além disso, se a episteme foucaultiana se configura como um *a priori histórico* que delimita as condições de possibilidade do saber em determinada época (Foucault, 2017), sua articulação com o arquivo e os dispositivos torna-se fundamental para analisar a secularização da escatologia no corpus. Ou seja, o arquivo, enquanto sistema que rege a emergência dos enunciados, expõe como o “Relógio do Juízo Final” trabalha sob uma episteme moderna que exclui explicações teológicas e valida apenas riscos iminentes. Já os dispositivos que serão apresentados na análise e a própria materialidade circunscrita na matéria da BBC News Brasil materializam essa episteme ao vincularem discursos científicos a práticas políticas. Assim, a noção de episteme não é meramente um “sistema unitário” (Revel, 2005), mas uma rede de relações que se atualiza no arquivo pelas regras de dizer “X” e nos dispositivos, pelas estratégias de controle que engendram “X”. Nessa perspectiva, alguns enunciados só se tornam enunciáveis porque uma episteme secularizada reorganizou o arquivo do saber sobre “X” e ativou dispositivos capazes de traduzi-lo.

Após esse breve percurso, no qual foi apresentado o ferramental teórico-metodológico para a análise arqueogenealógica, foi possível compreender que os enunciados são as unidades mais básicas, “um átomo do discurso” (Foucault, 2017, p. 96) que, por sua vez, são moldados e organizados pelas formações discursivas (Revel, 2005). Consequentemente, os dispositivos possibilitam a sustentação do dizer, como leis, práticas discursivas, instituições etc., as quais põem em manutenção as posições dos sujeitos em sociedade. Por seu turno, o arquivo estabelece as regras gerais que regem a existência e a transformação desses enunciados e formações discursivas em um dado período (Foucault, 2017). Por fim, a episteme representa a estrutura relacional mais ampla que abrange as práticas discursivas e científicas de uma época (Veyne, 2009), mostrando como o poder-saber se organiza e se limita dentro de um campo histórico específico (Soares, 2025b). Após esse percurso no qual delimitou o ferramental teórico-metodológico, passa-se à análise.

### **ANÁLISE: BBC NEWS BRASIL E O RELÓGIO DO JUÍZO FINAL**

No dia 29 de janeiro de 2025, a BBC News Brasil (2025) publicou a matéria intitulada *Por que Relógio do Juízo Final está mais perto da hora da destruição do que nunca*, trazendo dados de como o mundo tem chegado mais perto do fim a partir de acontecimentos que fazem com que o relógio se aproxime da “meia-noite”, isto é, do colapso final da humanidade. Além

desses informativos, o sujeito enunciador BBC News Brasil destaca a figura de instituições e de sujeitos considerados relevantes para a consolidação do relógio como índice real do fim do mundo, como O Boletim de Cientistas Atômicos (BAS), Daniel Holz, presidente do Conselho de Ciência e Segurança do BAS, o ex-presidente colombiano e ganhador do Prêmio Nobel da Paz, Juan Manuel Santos. Após essas considerações iniciais para compreender a estrutura do enunciado, passa-se a sua apreciação.

### **Por que Relógio do Juízo Final está mais perto da hora da destruição do que nunca**

O Relógio do Juízo Final, que simboliza o quanto a humanidade está perto da destruição, avançou um segundo, chegando a 89 segundos para a meia-noite, o mais próximo que já esteve.

O Boletim de Cientistas Atômicos (BAS, por sua sigla em inglês), que ajusta o relógio anualmente, diz que os principais impulsionadores desse avanço são ameaças nucleares, possíveis usos indevidos de avanços em biologia e inteligência artificial e mudanças climáticas.

Daniel Holz, presidente do Conselho de Ciência e Segurança do BAS, disse que o acontecimento foi “um aviso a todos os líderes mundiais”.

O relógio foi originalmente ajustado para sete minutos para a meia-noite em 1947. Em 2024, ele foi ajustado para 90 segundos. Na declaração feita na terça-feira (28/1), a BAS, uma organização sem fins lucrativos sediada em Chicago, disse que “ao adiantar o relógio um segundo para a meia-noite, estamos enviando um sinal claro”.

“Este relógio é um diagnóstico claro da nossa realidade”, alertou o ex-presidente colombiano e ganhador do Prêmio Nobel da Paz Juan Manuel Santos.

Santos, que lidera a organização *The Elders*, fundada por Nelson Mandela, participou da apresentação do relógio. “A única resposta eficaz é que as nações trabalhem juntas, e é por isso que é tão alarmante que o presidente Trump tenha declarado sua intenção de retirar os Estados Unidos do Acordo de Paris”, disse Santos, referindo-se ao tratado internacional que busca limitar o aquecimento global. [...] O Boletim de Cientistas Atômicos alertou que a guerra na Ucrânia — agora entrando em seu terceiro ano desde a invasão russa — “poderia se tornar nuclear a qualquer momento devido a uma decisão precipitada, acidente ou erro de cálculo”. [...] De acordo com o BAS, os Estados Unidos, a China e a Rússia “têm o poder coletivo de destruir a civilização”, acrescentando que as três nações “têm a responsabilidade primária de tirar o mundo do abismo”.

Em 2020, os ponteiros do relógio marcaram 100 segundos para meia-noite. Nos anos seguintes, em 2021 e 2022, os ponteiros permaneceram no mesmo lugar, mas em 2023 foram adiantados para 90 segundos, onde permaneceram em 2024 (BBC, 2024, s/p).

Inicialmente é preciso considerar a matéria da BBC News Brasil como um enunciado que se constitui não só a partir de frases, orações, proposições e atos de fala, mas por funções discursivas, afastando-se “de seu homônimo no campo linguístico” (Soares, 2025b, p. 49) o qual se restringe ao campo dos elementos visíveis. Nesse sentido, a mencionada materialidade midiática, enquanto enunciado em Foucault (2017), deve ser compreendida como prolongamento de dizeres históricos sobre a ideia do “fim”; como camadas objetivas e regulares das histórias da escatologia com rupturas e continuidades entre si e que reverberam ao longo do espaço/tempo. Assim, o título, os parágrafos entre outros elementos linguísticos constituem uma função enunciativa (Foucault, 2017), sendo ineficaz analisar tais partes isoladamente, isto é, como uma singularidade, bem como uma superficialidade linear do discurso.

Dessa forma, entende-se que a matéria da BBC News Brasil, sobre o “Relógio do Juízo Final”, trabalha em dada formação discursiva específica na qual os sentidos do “fim” são articulados como uma ameaça secularizada, mantendo-se distante das escatologias medievais. Dessa forma, ao examinar o enunciado “89 segundos para a meia-noite”, percebe-se que a estrutura sintagmática não é uma unidade linguística isolada. Pelo contrário, se apresenta como uma função discursiva (Foucault, 2017) de diversos enunciados contíguos na qual a rede de sentidos sobre o fim (os riscos nucleares, climáticos e tecnológicos) é atualizada. Por essa razão, é possível perceber que o número “89” não é um dado neutro, mas um enunciado que atualiza redes de poder: (a) a autoridade científica do BAS; (b) a urgência política; (c) a materialidade do relógio como artefato midiático. Além disso, o enunciado em análise é regido por regras históricas de emergência, a saber, a secularização da escatologia<sup>5</sup>.

Esse prolongamento histórico, constituído por diversas formações discursivas que permitem e estabelecem “o dizível” (Soares, 2019, p. 47) é uma “verdade” que ainda não pereceu, ou melhor, uma episteme que impõe coerções e limitações ao discurso na contemporaneidade (Revel, 2005). Essa episteme do fim, engendrada no enunciado da BBC News Brasil, não se relaciona com a ideia do divino, mas em sua reorganização discursiva mantém a estrutura profética enquanto substitui seus agentes (Deus, demônios, redenção) pelos riscos materiais já mencionados (mísseis nucleares, colapso ecológico e Inteligência Artificial descontrolada). Por essa explanação, é possível perceber que enunciados como “Boletim de Cientistas Atômicos (BAS)” e “Conselho de Ciência e Segurança” atuam como instâncias de legitimação discursiva, produzindo um arquivo (Foucault, 2017) no qual a episteme sobre o fim é validada por especialistas e não por profetas.

Diante desse acontecimento discursivo, marcado por especialistas que regulam o “Relógio do Juízo Final”, tanto sujeito quanto o aparelho, que marca a cronologia do fim,

<sup>5</sup> A secularização da escatologia serve para apontar a transformação histórica (prolongamento histórico) pela qual discursos sobre o “fim do mundo”, originalmente vinculados a quadros religiosos (como o Juízo Final cristão ou o *Ragnarök* nórdico), são reconfigurados em termos imanentes e científicos, destituídos de transcendência divina. Desse ponto é que se entende que a verdade de uma época aqui (a episteme do fim) ainda não encontrou o seu fim, pois se reorganizou discursivamente, dando aos mitos “do fim do mundo” sua versão científica.

apresentam-se como dispositivos que regulam a estrutura macrodinâmica do enunciado (Soares, 2025b), ou seja, as condições históricas, políticas e epistemológicas que tornam possível sua emergência. O relógio materializa e associa o discurso científico com práticas não-discursivas, a saber, políticas de armas nucleares, acordos climáticos e ética no processo de produção tecnológica. Os enunciados “Acordo de Paris” e “guerra na Ucrânia” possibilitam perceber como os dispositivos subjetivos e objetivos mobilizam instituições (Estados e ONGs) para potencializar seus argumentos. Desse ponto, é preciso retornar ao que Foucault (2017) afirma sobre a constituição do enunciado. O autor alerta que é essencial certa “conversão do olhar” e “atitude para poder reconhecê-lo e concebê-lo em si mesmo” (Foucault, 2017, p. 135). Nesse sentido, ao lançar mão dessa visão verticalizada, nota-se que o poder não se apresenta como repressivo, mas produtivo, projetando um regime de verdade na qual a “iminência do fim” justifica ações geopolíticas pontuais, tal como a repreensão por desarmamento e, conseqüentemente a legitimação de uma possível intervenção.

Ao investigar o arquivo que governa a matéria, estruturado por um *a priori histórico*, o qual foge às condições universais do conhecimento e se aproxima das condições contingentes do século XXI<sup>6</sup>, o BAS trabalha como um sistema de exclusão, selecionando quais ameaças são “dizíveis” (nuclear, clima) e quais são silenciadas (depressão coletiva global, colapso econômico). Essa seleção reflete uma episteme moderna na qual a ciência substituiu a teologia na definição do “fim”. Ora, como Soares assevera (2025, p. 125), “a episteme, como pode ser observada por meio de sua caracterização, representa tanto um saber validado historicamente quanto a proporcionalidade desse em relação à própria trajetória do poder disseminado no circuito coletivo”. De outro modo, essa episteme: a) delimita os objetos legítimos (o fim não como uma causa divina, mas como ação humana); b) estabelece os métodos e critérios (empirismo e falseabilidade em detrimento da autoridade religiosa) e; c) exclui o impensável, isto é, na episteme clássica, a ideia de uma arma de destruição global nas mãos de uma única nação era inimaginável.

Por meio dessa organização sistemática do saber-poder, as bases epistemológicas que sustentavam a ideia de um “fim”, segundo Araújo *et al.* (2023, p. 9), inscrevem-se “na tradição judaico-cristã da perspectiva de fim de um tempo ou mesmo de fim dos tempos”, partindo da Idade Média (Séc. V-XV) na qual a episteme girava em torno do milenarismo, o qual profetizava “a vinda do Messias que anunciará o Fim do Mundo, a restauração do Paraíso, assim como um novo reino de mil anos (Ap 20, 1-10), também conhecido pelo reino milenarista.” (Araújo *et al.*, 2023, p. 52). Dessa forma, indaga-se quais eram os dispositivos que representavam a rede concreta e heterogênea que integrava as formações discursivas escatológicas. Figuras

<sup>6</sup>Guerras híbridas, IA, antropoceno.

como Joaquim de Fiore<sup>7</sup> (2002) e seu livro *Introdução ao Apocalipse*, Beatus de Liébana<sup>8</sup> (2015) e a obra *O Apocalipse de Lorvão*, (séc. XII) e Agostinho (1996) com a obra *A cidade de Deus*, despontavam como alguns dos vários porta-vozes do fim. A “imprensa cristã” e a difusão de livros como os já mencionados contribuía na divulgação da ideia do pós-vida e do Juízo Final com afirmações como: “o seu primeiro mensageiro, mensageiro da Luz e do Bem, força divina do seu Poder, foi Adão; o segundo foi Jesus; o terceiro virá no fim dos tempos, quando do juízo final” (Agostinho, 1996, p. 67).

A partir desse rastreio, nota-se que a imprensa e as obras mencionadas são os dispositivos (Foucault, 2017) que regulam a episteme sobre o fim na Idade Média, ou seja, práticas discursivas “que constituem uma formação histórica” (Veyne, 2009, p. 73); práticas que se repetem no Renascimento e Reforma (séc. XV-XVII) com o Milenarismo Social<sup>9</sup> (Araújo *et al.*, 2023), até perder força no Iluminismo (séc. XVIII), no qual a episteme do fim é questionada por seus elementos constitutivos, pelo racionalismo, pelo progresso e pelo “desencantamento do mundo” (Weber, 2004, p. 96). Entretanto, só questionada enquanto uma configuração religiosa, não como “verdade”. De outro modo, Kant (2008), uma representação desse racionalismo, não se detém em especulações sobre um fim literal do mundo, mas sim na possibilidade de uma “revolução” (ou regressão) moral do homem, que é o que, em última instância, pode levar o mundo a ser considerado “bom” ou “mau”. Kant (2008) deixa pressuposto nesse “mau” a ideia de que “o fim” (não como apocalipse, mas como degradação social) se encontra nas mãos dos homens e não mais na vontade de um deus, uma vez que “o fim do mundo constitui a resolução da História” (Kant, 2008, p. 140), ou melhor, as práticas do homem para o “bem” ou para o “mal” podem definir a chegada do fim.

É desse ponto que se compreende a força de uma episteme, de suas descontinuidades, mas também de suas regularidades. O fim se mantém como categoria discursiva dominante também na era moderna, porquanto se mostra como uma configuração empírica, positiva, objetiva para a maioria das formações discursivas escatológicas dominantes. Seja pela formação social religiosa, seja pela comunidade científica e capitalista, que foge da “interpretação mágica dos sacramentos” (Weber, 2004, p. 226); ou mesmo pelo senso comum como conhecimento pré-reflexivo (Merleau-Ponty, 1999)<sup>10</sup>; a “episteme do fim” se reconfigura, se reorganiza; ora aponta para o “Céu” (Agostinho, 1996), ora para a Terra” (Weber, 2004) entrecruza-se entre

<sup>7</sup> Joaquim de Fiore (ou Joachim de Fiore, c. 1135–1202) foi um teólogo, abade e místico medieval cujas obras influenciaram profundamente a escatologia cristã e as concepções do “fim dos tempos”. Ele desenvolveu uma interpretação histórica e profética baseada na Trindade, prevendo uma era final do Espírito Santo, marcada pela paz e perfeição espiritual.

<sup>8</sup> Os Beatus (ou Beatos) de Liébana são, na sua maioria, cópias da obra “Comentário do Apocalipse”, escrita por S. João, na qual são analisados os acontecimentos profetizados no Livro do Apocalipse. No entanto, ao longo dos séculos, os copistas acrescentaram outras ilustrações e comentários, tornando os Beatos obras únicas que combinam texto e imagem de uma forma extraordinária.

<sup>9</sup> Milenarismo Protestante (Pré/Pós/Amilenialismo).

<sup>10</sup> Para Merleau-Ponty (1999) representa um conjunto de crenças e saberes compartilhados que permite a ação cotidiana sem necessidade de reflexão profunda.

um fim de transformação progressista (Kant, 2008) ou um fim de todas as coisas existentes (Fiore, 2002). Longe de ser um consenso, essa noção é disputada por epistemes concorrentes, ou seja, dominante enquanto “verdade” desses dois últimos milênios, mas não sem resistência. Embora descontínuo no prolongamento histórico (Foucault, 2017), o fim se apresenta também como um feixe que aponta para vários campos do saber (literário, artístico, religioso, midiático, científico etc.) que o sustenta como episteme. Nesse sentido, é possível perceber que no enunciado da BBC News Brasil, a ruptura epistemológica é marcada pela ausência de agentes transcendentais (a vontade de Deus ou do Anticristo) e, por conseguinte, a centralidade da agência humana (falhas políticas e tecnológicas).

Sobre as fronteiras exatas que demarcam um ponto de virada entre as epistemes clássicas e contemporâneas do fim, ainda paira a sombra da indefinição, porquanto seu ponto de virada do divino para o imanente não se refere a um momento histórico único e preciso, mas sim a um processo gradual e intrincado que se desenvolve principalmente a partir da Modernidade, isto é, do Renascimento, Iluminismo e Revolução Científica. Esse movimento foi impulsionado pelo declínio da teologia como discurso dominante, substituída por explicações racionais e empíricas, e pela ascensão do humanismo, que deslocou o foco de Deus para o ser humano como agente de seu próprio destino. Nesse sentido, o desenvolvimento do pensamento histórico e sociológico reforçou a ideia de que a história é um processo imanente e heterogêneo, com causas e efeitos sociais, e não um plano divino. Desse ponto, a matéria da BBC News Brasil reforça a importância das ações dos sujeitos e, por conseguinte, do raciocínio lógico de “causa e consequência”. No entanto, o pensamento do fim pelas mãos humanas, na contemporaneidade, ainda é confrontado pela episteme do plano divino, mas com interseções gradativas que interpelam o homem como “braço da vontade de Deus” na busca pela racionalização do divino.

Por esse motivo, o “Relógio do Juízo final” como dispositivo não é um profeta, mas um sintoma da episteme contemporânea no qual “o fim” deixa de ser forjado pelos discursos “da vontade divina” e passa a ser engendrado pelos discursos científicos nos quais os cálculos de probabilidade tornam-se a “revelação do fim do mundo”. Dessa maneira, depreende-se que os enunciados midiáticos sobre o apocalipse projetam os não-ditos enterrados pelas camadas históricas forçando a visão linear. As epistemes sobre o fim de cada época determinam e regulam o saber e o poder e estabelecem como teorias, pensamentos e ações devem ser empregadas na sociedade. No contexto dessa análise, a função enunciativa da matéria da BBC News Brasil forja uma linearidade da “aproximação do fim”, ao citar ajustes anteriores do relógio (1947, 2020, 2024). Assim, o “Juízo Final” na contemporaneidade se apresenta como incerto, contrastando-se com a certeza de um “Juízo Final” levado a cabo por Deus.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para além dessa arqueogenealogia empreendida, na qual foram examinados os sentidos do “Juízo Final” em seu prolongamento histórico, a episteme do fim se apresenta como uma função de coerção das ações humanas pelo medo. Tal episteme opera como tecnologia de governo, ou seja, governamentalidade (Foucault, 2018): o medo do apocalipse justifica intervenções em nome da segurança. Seja para reprimir e conduzir o povo a uma “salvação” (Idade Média, Renascimento e Reforma), seja para “orientar” as nações a um progresso contínuo até a perfeição (Iluminismo); ou mesmo para evitar a destruição global por dispositivos de destruição em massa (na contemporaneidade), o saber sobre o fim quase sempre esteve associado aos dispositivos de poder-saber: aos governos, instituições como a igreja, às ciências astronômicas e bioquímicas; e amplificada pelos discursos midiáticos na sociedade contemporânea (Soares, 2018b). Dessa forma, os enunciados da BBC News Brasil são somente um lembrete de uma variada e quase infinita rede de dizeres sobre o fim que tornou possível a episteme do “Juízo Final”, que pressupõe um fim definitivo e que, por consequência dessa proliferação, silenciou a ideia da dinâmica cíclica.

Na visão hinduísta (Sanātana Dharma), o universo passa por ciclos infinitos de criação, preservação e destruição (*Kalpas* e *Yugas*), sem um “fim” definitivo (Eliade, 1992). Logo, os dispositivos de controle e coerção se davam, não pelo medo do fim, mas pela crença em renascer em condições piores. Na concepção do budismo, há o ciclo de renascimentos (*Samsara*) que só termina individualmente com o *Nirvana* (extinção do desejo), mas não há um fim cósmico (Becker, 1993) e, portanto, o dispositivo de coerção era a ideia de um sofrimento cíclico e infinito. Assim como nos Pré-Socráticos, como Heráclito, para quem o universo é um fogo eterno, em constante transformação (Kirk; Raven, 1994) e o fim, na verdade representava o Inferno (Hades), um lugar sombrio para quase todos (exceto heróis), mas não um “fim”, isto é, era uma existência eterna sem esperança. Nessas culturas, a episteme do fim era o início de outra coisa.

Nas obras literárias e na cinematografia contemporânea, o fim também é retratado não como a morte da civilização, mas como o renascimento dela. Livros e filmes (baseados em obras literárias) como *Guerra dos Mundos* (2005), *A estrada* (2009), *O livro de Eli* (2010), *Mad Max: Estrada da Fúria* (2015); *Guerra Mundial Z* (2013), *Interestelar* (2014); séries como *The Walking Dead* (2010-2022); *Fallout* (2024) e *The Last of Us* (2023) reforçam o fim como cíclico no qual o homem sobrevive a sua destruição. No entanto, em todas as peças ficcionais supracitadas, a presença de Deus como força provocadora do apocalipse está ausente, apontando o homem como autor de seu próprio fim, mas também como protagonista de seu próprio recomeço.

Sem contar com o silenciamento da ideia do fim para os povos originários, ou melhor, nas palavras de Krenak (2019), as “sub-humanidades” (Krenak, 2019, p.22-23), as quais são relegadas a uma posição de submissão e passividade, não atribuindo a esses povos, anteriores ao pensamento de humanidade clássica e moderna, o saber e o poder de discorrerem sobre a ideia

do fim. Nesse sentido, “Ideias para adiar o fim do mundo”, como uma literatura disruptiva, projeta a quebra de silêncio, indo ao encontro da ideia de um fim, mas pela perda de identidade, das “subjetividades” (Krenak, 2019, p. 32), pela desconexão com a terra e, sobretudo, após esse “fim”, a continuidade de uma humanidade consumista a qual devora não só os recursos minerais do planeta, mas também os povos originários por meio da assimilação pelo saber moderno cujo objetivo é suprimir e deletar o sujeito do campo e da floresta (Krenak, 2019).

Ademais, para Ailton Krenak (2019), o “fim do mundo”, difere da episteme representada pelo enunciado da BBC News Brasil, porquanto, para os povos originários, “o fim” não é necessariamente um evento apocalíptico grandioso, mas sim o colapso de um modo de vida baseado na homogeneização e na exploração. A partir dessa visão, Krenak (2019) o descreve como a perda de sentido de viver em sociedade e da própria experiência da vida, gerando intolerância em relação àqueles que ainda experimentam o prazer de estar vivo. Krenak sugere que a ideia de “humanidade”, que os saberes ocidentais construíram, alienou o homem da Terra, fazendo-o pensar que são algo separado da natureza, quando, na verdade, segundo o autor, “tudo é natureza”. O fim, portanto, seria a consumação dessa alienação, na qual a humanidade zumbi, que não tolera a fruição da vida, prega o fim do mundo para fazer as pessoas desistirem de seus próprios sonhos.

Essas obras, longe de estarem dissociadas de manchetes como “Por que Relógio do Juízo Final está mais perto da hora da destruição do que nunca”, se apresentam como possíveis consequências do desrespeito ao Relógio do Juízo final. Ao atuar como dispositivos midiáticos que “profetizam”, ou melhor, calculam o fim pela projeção do que pode vir a acontecer, ou seja, do devir (Foucault, 2017) da humanidade, os filmes e séries, a literatura, as notícias e as cerimônias religiosas constituem as formações discursivas (Foucault, 2017) que sustentam a episteme escatológica contemporânea. Por essa razão, é possível afirmar que os contornos do quadro geral da episteme escatológica pôde ser produzida a partir da discriminação proveniente do ferramental teórico-metodológico da Análise Arqueogenealógica do Discurso, porquanto “sem essa ‘vontade de verdade’, que constitui a propriedade estruturante da episteme, que integra um ‘regime de verdades’, como diz Foucault (2007), não há coesão na representação das relações de saber-poder circulantes no corpo social” (Soares, 2025b, p. 151).

Diante dessa perspectiva, em investigações futuras, sugere-se examinar como outras culturas não ocidentais, com visões cíclicas do tempo, resistem ou dialogam com esse discurso linear do apocalipse, além de explorar o papel das novas tecnologias (como algoritmos e inteligência artificial) na produção e disseminação de discursos sobre o fim. Ademais, seria produtivo examinar como a linguagem cinematográfica e jornalística instrumentaliza o medo para fins políticos ou de controle social, aprofundando a relação entre discurso, poder e saber. Portanto, a análise expõe a necessidade de desnaturalizar a noção de “fim” como categoria universal, destacando sua historicidade e seus usos estratégicos em diferentes projetos de poder-saber.

Por fim, em uma perspectiva quase irônica, esse estudo é essencial para que se compreenda o funcionamento discursivo. Nesse sentido, pode-se afirmar que, como base no que afirma Soares (2020), o suposto “fim” que ora se apresenta como um desfecho apocalíptico religioso, ora representa a ação puramente humana, de fato, não é um término em si, mas vários acontecimentos discursivos que ainda não tiveram seu próprio fim (Soares, 2025a), sublinhando a natureza discursiva, contínua e transformadora dessa noção por se tratar de um discurso (Foucault, 2017). O “fim” é, portanto, uma construção social que se mantém ativa em diferentes configurações, sempre pronta a gerar novos discursos e práticas que o mantém em permanente movimento epistêmico.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus**. Vol. I. Trad. J. Dias Pereira, 2 ed., Grupo Infinito UFPB, 1996. Disponível em: <https://frutodagraca.wordpress.com/wp-content/uploads/2020/03/cidadededeus-santoagostinho.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2025.

ARAÚJO, Alberto Felipe; ALMEIDA, Rogério de; BECCARI, Marcos. **O mito do Fim do Mundo: Imaginário e Educação**. – São Paulo: FEUSP, 2023. Disponível em: [https://www.academia.edu/10585558/O\\_mito\\_do\\_Fim\\_do\\_Mundo\\_imagin%C3%A1rio\\_and\\_educa%C3%A7%C3%A3o](https://www.academia.edu/10585558/O_mito_do_Fim_do_Mundo_imagin%C3%A1rio_and_educa%C3%A7%C3%A3o). Acesso em: 12 jun. 2025.

BBC NEWS. Por que Relógio do Juízo Final está mais perto da hora da destruição do que nunca. **BBC News Brasil**, 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cr7em34d4n4o#:~:text=O%20Rel%C3%B3gio%20do%20Ju%C3%ADz%C3%A3o%20Final,mais%20pr%C3%B3ximo%20que%20j%C3%A1%20esteve>. Acesso em: 10 jun. 2025.

BECKER, Carl B. **Breaking the Circle: Death and the Afterlife in Buddhism**. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1993.

ELIADE, Mircea. **O Mito do Eterno Retorno**. Tradução de José A. Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.

FIORE, Joaquim de. **Introdução ao Apocalipse** [1995], Trad. Noeli Dutra Rossatto, Roma: Vilella, 2002. Disponível em: [https://www.academia.edu/15077929/Introdu%C3%A7%C3%A3o\\_ao\\_Apocalipse\\_de\\_Joaquim\\_de\\_Fiore](https://www.academia.edu/15077929/Introdu%C3%A7%C3%A3o_ao_Apocalipse_de_Joaquim_de_Fiore). Acesso em: 12 jun. 2025.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014a.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de L. F. B. Neves. São Paulo: Loyola, 2014b.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. – 8 ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- KANT, Immanuel. **A Religião nos Limites da Simples Razão**. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2008. Disponível em: <https://marcosfabionuva.com/wp-content/uploads/2011/08/a-religic3a30-nos-limites-da-simples-razc3a30.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2025.
- KIRK, G. S.; RAVEN, J. E. **Os Filósofos Pré-Socráticos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LIÉBANA, Beatus. **O Apocalipse de Lorvão [séc. XII]** registro memória da UNESCO, Arquivo Nacional Torre do Tombo, 2015. Disponível em: <https://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/apocalipse-de-lorvao-registo-memoria-do-mundo-da-unesco/>. Acesso em: 12 jun. 2025.
- MACHADO, Roberto. Introdução: Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 8 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018. p. 7-34.
- MERLEAU-PONTY, Maurice, [1908-1961]. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. - São Paulo : Martins Fontes, 1999.
- REVEL, Judith. **Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.
- SOARES, Thiago Barbosa. **Percursos linguísticos: Conceitos, críticas e apontamentos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018a.
- SOARES, Thiago Barbosa. Sucesso: discurso contemporâneos de capitalização dos sujeitos. In: SOARES, Thiago Barbosa (orgs.) **Múltiplas perspectivas em análise do discurso: objetos variados**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2018b.
- SOARES, Thiago Barbosa. Formação discursiva: uma noção com dois fundadores. In: PESSOA, Osalda Maria (org). **Leitura, discurso e produção dos sentidos: múltiplas abordagens**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2019. p. 37-51
- SOARES, Thiago Barbosa. **Arquiteturas do Sentido: linguagem, história e simbolismo** / Thiago Barbosa Soares. Campinas, SP : Pontes Editores, 2025a
- SOARES, Thiago Barbosa. **Arqueogenealogias do discurso do Norte: sentidos e sujeitos tocantinenses**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2025b.

SOARES, Thiago Barbosa; BOUCHER, Damião Francisco. **Projeções discursivas do Norte:** Efeitos de resistência, Conscientização e Consolidação Identitária o Tocantins. São Paulo: Pontes Editores, 2024.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história:** Foucault revoluciona a história. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

VEYNE, Paul. **Foucault:** O pensamento a pessoa. Lisboa: Texto & Grafia, 2009.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Recebido para publicação em: 16 jun. 2025.

Aceito para publicação em: 13 out. 2025.